

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

CAROLINA SILVEIRA DE SOUZA

PROJETO EXPERIMENTAL LIVRO-REPORTAGEM
“NOS TEMPOS DO INTERNATO: MEMÓRIAS DE EX-INTERNAS DA
ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS”

São Borja

2019

CAROLINA SILVEIRA DE SOUZA

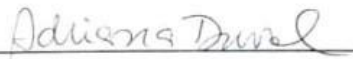
LIVRO-REPORTAGEM
"NOS TEMPOS DO INTERNATO: MEMÓRIAS DE EX-INTERNAS
DA ESCOLA SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS"

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para a obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

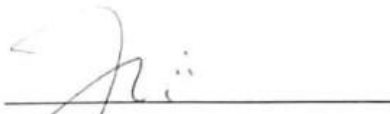
Área de concentração: Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06/12/2019

Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Adriana Ruschel Duval
Orientadora/Unipampa



Prof. Dr. Miro Luiz dos Santos Bacin
Avaliador/Unipampa



Noemi Teixeira Cabeleira
Avaliadora Externa/Jornalista

RESUMO

O presente relatório trata do projeto experimental realizado sobre as memórias de ex-internas da Escola Sagrado Coração de Jesus. Foi desenvolvido em forma de livro-reportagem impresso, através do método de História Oral e de pesquisa histórico-exploratória – bibliográfica e documental. O objetivo foi produzir memória sobre o internato que existiu em São Borja vinculado a uma das mais tradicionais instituições de ensino da cidade. Para tanto, os estudos incluíram investigações sobre os tempos vividos pelas ex-internas entrevistadas, resultando em uma narrativa que apresenta uma síntese de aspectos variados do cotidiano no local. A obra revela que o sistema de colégio interno era uma alternativa usual e desejável às famílias – muitas das quais residiam em propriedades rurais –, que depositavam na entidade a expectativa de um preparo educacional em amplo sentido para suas filhas. Nem todas as crianças e jovens, contudo, passaram pelo período do internato com a mesma postura de aceitação e alegria diante dessa condição.

Palavras-Chave: Escola Sagrado Coração; internato; livro-reportagem; São Borja.

RESUMEN

Este informe trata sobre el proyecto experimental llevado a cabo en los recuerdos de ex reclusos de la Escuela del Sagrado Corazón de Jesús. Fue desarrollado en forma de un libro impreso, a través del método de Historia Oral e investigación histórico-exploratoria - bibliográfica y documental. El objetivo era generar memoria sobre el internato que existía en São Borja vinculado a una de las instituciones educativas más tradicionales de la ciudad. Para ello, los estudios incluyeron investigaciones sobre los tiempos vividos por los ex internos entrevistados, lo que resultó en una narración que presenta una síntesis de diversos aspectos de la vida cotidiana en el lugar. El trabajo revela que el sistema de internato era una alternativa habitual y deseable para las familias, muchas de las cuales vivían en granjas, que esperaban un amplio sentido de preparación educativa para sus hijas. Sin embargo, no todos los niños y jóvenes pasaron por un internato con la misma actitud de aceptación y alegría ante esta condición.

Palabras-Clave: Escola Sagrado Coração; internato; libro-reportaje; São Borja.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	p. 6
2 OBJETIVO E ENFOQUE EXPERIMENTAL	p.7
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p.7
3.1 Fases da Produção	p.8
3.1.1 Pré-produção.....	p.8
3.1.2 Produção	p.10
3.1.3 Pós-produção	p.12
4 RESULTADOS	p.13
4.1 Escolhas gráficas	p.13
5 REFERENCIAL TEÓRICO	p.14
6 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EXPERIMENTAL	p.17
7 BASTIDORES	p.19
REFERÊNCIAS	p.23

1. INTRODUÇÃO

A Escola Sagrado Coração de Jesus, fundada em 1932, foi a primeira instituição de ensino católica a contemplar São Borja e região. Começou com 11 alunas e, ao final do ano, já tinha 42. A procura por vagas cresceu rapidamente, assim como surgiu a demanda de moradia para as filhas de proprietários rurais residentes no interior, e de famílias de outras cidades próximas.

Diante da demanda, as Irmãs passaram a oferecer o regime de internato, sendo que a primeira a formalmente ser registrada como aluna-interna foi Carmen Maria Carvalho, que passou a residir na escola no dia 6 de março de 1933, conforme consta no diário das Irmãs. Ex-diretora da Escola Sagrado Coração de Jesus e uma das professoras na época do internato, Irmã Fernanda Cerutti analisa que as circunstâncias ligadas à cultura e à economia daquele momento levavam ao advento do internato. “Naquela época, não havia escolas no interior, era tudo campo. Aqueles que tinham mais posses e não tinham parentes na cidade tratavam de colocar as meninas no internato”, comenta.

Assim, a escola foi pioneira, também, na oferta da modalidade de colégio interno na região. Não tardou a ganhar o apelido de “Internato das Irmãs”, servindo de moradia para até 80 meninas ao mesmo tempo. As alunas tinham os aposentos em dois grandes salões – um para as maiores e outro para as menores, com fileiras de camas e criados-mudos. Levavam enxoval completo e vivenciavam a rotina sob as regras que incluíam, principalmente, estudos e religiosidade, conciliados com horários para acordar, dormir, fazer higiene e refeições.

O internato na Escola Sagrado Coração de Jesus de São Borja funcionou até o final do ano letivo de 1970. Entre os motivos para seu fechamento, estariam mudanças na própria dinâmica da sociedade são-borjense naquele período. Diversas famílias optaram por terem moradias não só no campo, como também na cidade. Surgiram pensionatos e, aos poucos, diante desse novo quadro, a procura pelo regime de ensino-e-moradia passou a diminuir.

Atualmente com o nome de Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ), desde 2011 integrante da Rede Verzeri de ensino, a instituição se mantém como referência na cidade e na região, empreendendo sua missão a partir da pedagogia de Jesus Cristo. Realiza projetos interdisciplinares que promovem a integração com a comunidade e

favorecem o desenvolvimento dos alunos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Explicamos acima, de modo resumido, sobre essa importante instituição de São Borja que escolhemos abordar em nosso livro-reportagem. Especificamente, entramos no colégio pela porta do passado, a partir da memória de ex-internas, para reconstituirmos, às novas gerações, o que foram esses tempos de internato, de modo que um período da história – culturalmente significativo – seja evocado e descrito conforme as lembranças de quem o viveu.

2. OBJETIVO E ENFOQUE EXPERIMENTAL

Este Projeto Experimental, apresentado em forma de livro-reportagem, revela a investigação sobre um trabalho junto à memória de ex-internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus de São Borja, com o **objetivo** de unir informações que contribuam a uma narrativa de reconstituição dos tempos em que o internato esteve ativo. A maior parte das entrevistadas que foram localizadas e se disponibilizaram ao estudo em questão teve sua trajetória ligada ao internato nas décadas de 50 e/ou 60.

Como **enfoque experimental** projetamos prospectar o ambiente, a rotina, as regras, os comportamentos e as lembranças marcantes de seus tempos como estudantes e moradoras da instituição.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, a opção para a construção do trabalho foi pela grande reportagem no formato de **livro-reportagem**. A escolha por fazer um livro-reportagem se deu a partir da definição de Belo (2006, p.41): “é o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica”. Ou seja, em um documento radiofônico ou televisivo se tem um limite de tempo. No livro-reportagem não, pode-se reunir conteúdo com mais liberdade em termos de quantidade e espaço, o que contribuiu com nossa proposta, de dar mais densidade à abordagem.

Esse tipo de produção, segundo Edvaldo Pereira Lima (2004) em seu livro “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, entende

que o formato leva o jornalismo para além dos limites, uma vez que, o livro-reportagem tem a capacidade de destacar a humanização que se procura em quase todas as reportagens em profundidade. Eduardo Belo (2006) acrescenta que o modelo é praticamente o único meio de exercer o jornalismo literário no Brasil, assegurando que algumas técnicas empregadas, desde a apuração, funcionam muito bem nas longas reportagens e, por conseguinte, nos livros.

O trabalho foi executado por intermédio do processo de coleta de dados (pesquisa, observação e entrevista), com ênfase na técnica de entrevista instrumentalizada pelo método de captação via **História Oral**.

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; arquivamento e sempre que possível, a publicação dos resultados. (MEIHY e HOLANDA, 2010, p.15).

Das memórias individuais ou coletivas, através da História Oral, nascem os relatos que fornecem elementos para sua consolidação em narrativa à posteridade. Portanto, o jornalista deve considerar, ao se deparar com as etapas de captação e transmissão das informações, que “nossa identidade, tenha ela a forma que tiver, é uma história sobre nós mesmos, ou em última análise, uma ‘narrativa do eu’ ” (HALL, 2005, p.12).

Para a realização do livro, dividimos a produção em três etapas, sendo eles a pré-produção, a produção e a pós-produção.

3.1 Fases da produção

3.1.1 Pré-produção

A pré-produção teve início com a definição do tema. As fontes de entrevista foram identificadas a partir de manifestações em postagem sobre o trabalho na rede social *Facebook* dia 20 março de 2019, que geraram em torno de 400 curtidas e 100 comentários. E também por indicação de pessoas que tomaram conhecimento da

existência do trabalho de pesquisa. As ex-internas abordadas são hoje residentes em São Borja, São Luiz Gonzaga, Itaqui e Porto Alegre, com idades entre 64 e 81 anos.

Um facilitador para o encontro dessas pessoas foi o fato de que existe um evento anual de confraternização das ex-internas, promovido por elas, na cidade de São Borja. Também existem encontros realizados na cidade de São Luiz Gonzaga, em geral contando apenas com a presença das ex-internas que atualmente lá residem.

O trabalho de reportagem contou também com informações oriundas de duas religiosas da congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus e uma ex-aluna que morava na instituição na condição de “auxiliar” – pagava estudos e moradia com o trabalho de limpeza do prédio. Na tabela a seguir, informações sobre as ex-internas abordadas.

Nome da ex-interna	Idade atual	Cidade que residia na época do internato	Idade quando entrou no internato	Período em que foi interna	Idade quando saiu	Tempo que foi interna
Adalgisa Miranda Gisa Miranda **	79	Interior de São Borja - RS (Rosário-RS)	12 anos	1952-1958 Retornou em 1961 até 1962	18 anos 22 anos	6 anos Mais 1 ano
Alci Maria Porciuncula Marques Alci Marques Paz *	68	Interior de São Borja- RS	10-11 anos	1961-1965	14 anos	4-5 anos
Ceres de Fátima Oliveira Mack Ceres Mack Teló *	64	Mata-RS	12 anos	1967-1972	17 anos	5 anos
Cloé Bastos Cloé Bastos Pereira *	74	Maçambará-RS	10 anos	1955-1966	21 anos	11 anos
Eva Terezinha Amaral	81	São Luiz Gonzaga-RS	19 anos	1957-1959	21 anos	2 anos
Ida Terezinha Pereira Ida Terezinha Pereira Munró *	76	Interior de Itaqui-RS	9 anos	1952-1957	13-14 anos	4-5 anos
Ilma Helena Moretti Lima Kati Lima **	68	São Borja-RS (Os pais iam para fazenda no interior)	8 anos	1959-1964	13 anos	5 anos
Maria Sirley Balbé Moreira	80	Interior de Santo Antônio das Missões-	11 anos	1950-1956	17 anos	6 anos

		RS				
Marly Teixeira Cabeleira Marly Cabeleira Alvarez*	Nasceu em 23/11/40; Faleceu aos 78 anos	São Borja-RS	13 anos	1953-1954	13-14 anos	1 ano
Marta Maria Martins de Oliveira Marta Maria de Oliveira Juchem *	75	Uruguaiana-RS	12 anos	1956-1962	18 anos	6 anos
Olga Gonçalves de Faria	77	São Luiz Gonzaga-RS	14 anos	1956-1961	19 anos	5 anos
Regina Helena Amaro Gamarro	69	Santo Antônio das Missões-RS	11 anos	1961-1971	21 anos	10 anos
Sandra Maria Martins Batista Sandra Maria Batista Heinze*	66 (completa 67 em 13/12/19)	São Borja-RS	6-7 anos	1959-1960	7 anos	1 ano
Selia e Dalva (Irmãs) de Moraes Sasso	Selia - 75 Dalva - 77	Garruchos-RS	Selia com 12 anos Dalva com 13 anos	1955 -1958	Selia:14-15 Dalva:15-16	2-3 anos
Tania Regina Mendes Passamani Tania Regina Passamani Pinto*	65	Interior de São Borja-RS	9 anos	1963-1966	12 anos	3 anos

*Nome das ex-internas após alteração do estado civil

** Nome das ex-internas como são conhecidas/apelidos

3.1.2 Produção

A produção teve início com a transcrição das entrevistas, primeiramente de Cloé Bastos, a primeira entrevistada. Logo após, foram transcritas todas as entrevistas realizadas. Por indicação da professora orientadora, seguimos a técnica das cores: abrimos todas as entrevistas, lemos previamente e fomos relendo-as e colorindo os trechos afins com determinadas cores (azul para lazer, roxo para medo, rosa para vínculos, vermelho para pecados e verde para rotinas). Com isso, puxamos material das entrevistas para cada capítulo, levando os trechos devidamente identificados (com o nome da entrevistada) e fomos, a partir daí, redigindo e costurando o texto.

Essa técnica, inicialmente, parecia complexa. Visualizar vários trechos juntos, oriundos de diferentes pessoas, poderia não fazer sentido. Mas quando fomos acrescentando frases (discurso direto) aos depoimentos das fontes (discurso indireto), e quando fomos editando esses discursos diretos (cortando citações, inserindo verbos dicendi), foi nascendo o texto autoral e o livro começou a ganhar corpo.

Estávamos muito centradas na questão dos depoimentos. Afinal, sem eles não se reconstituiria o passado. Foi preciso fazer várias escolhas. Uma delas era cortar repetições. Diversas fontes falavam a mesma coisa. Algumas mantivemos, para dar ênfase, confirmar que algo era daquela forma mesmo. Mas nem sempre achamos necessário usar esse recurso. Então, precisávamos decidir quais depoimentos manter, quais tirar. A decisão sempre era pelas frases mais claras, que o leitor poderia compreender melhor.

Outros momentos em que tivemos que refletir e cortar o texto tiveram a ver com conteúdos que fugiam à linha condutora do texto do capítulo. Algumas rupturas foram possíveis, e usamos asteriscos no decorrer dos textos (***) para sinalizar, graficamente, esse tipo de recurso ou pausa narrativa. Mas, em certos casos, a mudança seria brusca demais, então deixamos de fora episódios que julgamos não tão relevantes ou que não tinham consistência (algo pontual relatado apenas por uma pessoa).

Houve depoimentos carregados de emoções, tanto positivas quanto negativas. No momento da escrita tomamos o cuidado para transmitir isso de modo respeitoso para ambas as partes envolvidas, entrevistadas e instituição. Não significa que tenhamos censurado ou amenizado declarações, e sim que fizemos a seleção dos trechos com base na proposta dos capítulos (temáticas), vigiando a nós mesmas para que não caíssemos na tentação de explorar, sobretudo, dramas de vida que ainda estão com as chagas expostas e que não acrescentariam nada ao livro. São casos excepcionais que devem ter raízes mais profundas que os episódios relatados, ou seja, entendendo a fragilidade da História Oral (memória é seletiva, nos trai etc) e a própria forma como as pessoas, ao longo dos anos, lidam com suas questões pessoais, chegamos à conclusão de que determinadas situações não caberiam à narrativa.

No que se refere às imagens, selecionamos o material fotográfico emprestado, colocando-o em pastas com os nomes das entrevistadas. Elementos gráficos e

ilustrações foram pesquisados em bancos de imagens na internet. Surgiu a necessidade de imagens específicas, como da cama de ferro e do criado-mudo (ainda hoje existem alguns na escola), e fomos atrás desses elementos.

Para a organização e preparo para a diagramação, os arquivos foram salvos separadamente em pastas com o nome de cada capítulo. As pastas foram tendo seu conteúdo revisado e, ao fim, salvo com “_ok”, o que liberava o documento para a diagramação. Logo surgiu a necessidade de solicitar o auxílio do publicitário Luan Zubaran, de São Borja, que executou as ideias em um projeto gráfico afinado com nossa proposta.

3.1.3 Pós-produção

A pós-produção, no nosso caso, foi a etapa em que já havíamos produzido (entrevistamos, redigimos) e então passamos para o diagramador (Luan Zubaran) tratar o livro graficamente.

A intenção era trabalhar com claro x escuro, branco x preto, já que o acervo de imagens era todo PB, e que a memória desses tempos era também contrastante: as ex-internas gostavam de lá, mas hoje em dia refletem se colocariam ou não suas filhas, várias afirmando que não, pois nada substitui o amor de uma mãe. Então existe um lado “escuro” ao se falar em internato. A vida é meio “preto e branca” aos olhos de uma interna. O rigor das Irmãs, as punições, a formalidade da época, tudo isso contribui para uma certa atmosfera que procuramos transmitir no projeto do livro.

Solicitamos um projeto moderno e, ao mesmo tempo, sóbrio, sério, respeitoso. Que fosse dinâmico, sem ser muito descontraído. Que tivesse ilustrações, fotos, mas sem ser muito expansivo.

Em paralelo, fizemos contato com o Ale Xerox, para tratarmos da questão da impressão e encadernação, com os devidos orçamentos e negociações. Decidimos que a tiragem seria de sete exemplares (banca + exemplar para a escola + exemplar para representante das ex-internas de São Borja + representante das ex-internas de São Luiz Gonzaga), ao custo unitário de R\$ 50,00. O livro ficou com um total de 94 páginas.

4. RESULTADOS

4.1 Escolhas gráficas

As escolhas gráficas para o livro levaram em conta uma certa atmosfera antiga, dentro de uma proposta de diagramação moderna e dinâmica. Um dos elementos característicos para conferir isso foi o uso de arabescos em preto e branco, usados em página precedente à de abertura de capítulos.



Detalhe do arabesco preto e branco inserido para compor página na abertura de capítulos

Outro elemento característico – e funcional – foi um símbolo do Sagrado Coração de Jesus usado para abrigar a numeração das páginas.



Elemento gráfico para inserção do número de página, que simboliza o Sagrado Coração de Jesus

Na diagramação, a fonte escolhida para os títulos foi a *trajan pro*. Os títulos dos capítulos aparecem em caixa alta. Já para os textos, foi usada *Times New Roman*, sendo que cada capítulo começa com um subtítulo em negrito e logo após a abertura de texto é marcada com *Capitular*. Há hierarquia de fontes entre: texto; legenda de foto; crédito de foto.

A cor é usada apenas na capa, e na palavra “Internato”. O tom escolhido, que remete a um amarelo-dourado-mostarda, pode sugerir um tempo áureo, mas ao mesmo tempo pode ser um elemento discreto, meio “ouro e prata”, já que a capa ficou acinzentada com o filtro aplicado sobre a foto, que a deixou com tom desfocado. Ou seja, a intenção da capa é remeter àquela atmosfera antiga, mas sem uma proposta de identificação das personagens da foto (por isso tiramos o contraste que havia na imagem original).

A mancha (ocupação da página por conteúdo impresso) foi definida no tamanho A5 (14,8 x 21 cm), e o papel escolhido foi: internamente, couchê, gramatura 80; e, para a capa, couchê plastificado com gramatura 300. A capa foi costurada e colada em um único tomo. O livro foi produzido sob responsabilidade do Ale Xerox de São Borja, que encomendou o serviço de empresa da cidade de Curitiba/PR.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Os pilares teóricos para o embasamento da pesquisa e o preparo à construção da reportagem foram: “internato”, “livro-reportagem” e “histórias de vida”, incluindo também leituras sobre “jornalismo de memória”. Justificamos essas escolhas pois a intenção do livro-reportagem realizado é, justamente, produzir conteúdo sobre um tempo, uma questão cultural da sociedade – a instauração de colégios internos – e, especificamente, sobre o internato da Escola Sagrado Coração de Jesus.

No Brasil, os internatos estão quase sempre ligados à administração religiosa. No começo do século XX era cultural recorrer a esse tipo de instituição para garantir a educação dos filhos. Chegava a ser considerado motivo de *status*, pois os internatos pagos denotavam que a família tinha posses, pois não eram baratos. Ao mesmo tempo, colocar as filhas em um colégio de irmãs católicas significava que elas estariam bem guardadas e dali saíam prontas para o casamento. Havia pais que optavam por esse regime até mesmo para corrigir o comportamento “arteiro” das filhas.

Nos dias atuais ainda existem alguns colégios internos, abrigando muitos estudantes. No entanto, não raro são rotulados de “reformatórios” ou associados a locais que abrigam jovens indisciplinados. Para além do preconceito que possa se fazer presente, há instituições que mantêm esse tipo de serviço, pautadas por tradição e

princípios religiosos, adaptadas aos novos tempos e sem associação com concepções pejorativas, como é o caso de colégios internos da igreja adventista.

Como mencionamos na Introdução, o internato da Escola Sagrado Coração de Jesus de São Borja foi pioneiro na cidade e na região como colégio interno, tendo sido inaugurado em 1933, com a chegada da primeira aluna interna.

Em se tratando de um trabalho de reportagem, estamos lidando com histórias, e especificamente com histórias de vida. No tema escolhido, e segundo a metodologia aplicada (História Oral, já referida no item “Metodologia), mais ainda essa questão teve relevância e foi tratada conforme a seriedade necessária.

Além da pesquisa bibliográfica e documental – em acervos de fotos das entrevistadas –, a entrevista foi utilizada para a captação dessas histórias de vida, inicialmente por intermédio de questionários semiestruturados, com as questões a seguir reproduzidas:

Dados sobre o internato

1. Data de seu início
2. A abertura coincide com a inauguração da escola?
3. Nome original
4. Contextualização sobre seu surgimento
5. Primeiras gestoras e as demais que fizeram parte da história do local
6. Primeiras internas e número total de internas até seu fechamento
7. Motivos de seu fechamento e situação no último período de existência
8. Média de internas ao longo dos anos; perfil socioeconômico e faixa etária
9. Pré-requisitos para aceitação das alunas e motivos para suspensão ou expulsão
10. Características da estrutura física (quartos: quantidade, mobiliário e especificidades)
11. Detalhes da estrutura de apoio (refeitório e áreas de uso comum)
12. Regime de internato (contrato financeiro, rotina e normas)
13. Informações complementares

Dados sobre as ex-internas

Informações pessoais

1. Nome completo de solteira
2. Data e local de nascimento
3. Filiação
4. Nomes dos irmãos e suas datas de nascimento
5. Local onde a família residia na época do internato
6. Nome atual após alteração do estado civil
7. Nome do esposo e data do casamento:
8. Estado civil atual:
9. Filhos e suas datas de nascimento
10. Quando ingressou no internato (ano e circunstâncias de vida/família)?
11. Quando deixou de ser interna (ano e circunstâncias de vida/família)?
12. Como costumava chamar o internato (De colégio interno? Internato?)?
13. Como era chamada pelas colegas (apelido)?
14. De quais colegas lembra (nome, sobrenome e informações e memórias a respeito delas)?

15. De quais irmãs que faziam parte do local lembra (nome, sobrenome e informações e memórias a respeito delas)?
16. Qual foi sua primeira impressão ao conhecer o internato?
17. Qual era seu quarto?
18. Como era seu quarto?
19. O que levou para lá quando passou a ser interna (bagagem, incluindo itens pessoais de valor afetivo)?
20. Descreva sua primeira noite no local
21. Conte sobre momentos marcantes vividos no local
22. Houve situações de medo ou algum fato que mobilizou as internas (tempestades, lendas, superstições...)?
23. Durante o período de interna, passou por perdas humanas (colegas, religiosas e familiares)?
24. Durante o período de interna, recorda de fatos inesperados envolvendo o grupo de internas (alguma que adoeceu, engravidou, saiu para casar etc)?
25. Durante o período de interna, lembra de fatos que marcaram por envolverem a presença de autoridades ou a realização de grandes eventos no local (visitas ilustres, grandes celebrações...)?
26. Conte sobre amizades que foram muito importantes ou que perduraram/perduram. Cite os apelidos dessas amigas.
27. Como era, em detalhes, seu dia enquanto interna (horários e compromissos)?
28. O que fazia nas horas vagas (e qual o período das horas vagas)?
29. A senhora tinha de cuidar da limpeza e da organização do quarto e/ou das áreas de uso comum? Havia supervisão nesse sentido, para verificar a qualidade dessas ações?
30. Conte sobre a relação com as irmãs. Cite nomes/apelidos das que vierem à sua memória, e explique sobre situações que puder recordar.
31. Como era a presença das irmãs na rotina das internas (acordavam as meninas, preparavam a alimentação, davam a ordem para que se recolhessem, faziam algum tipo de ronda no corredor, à noite...)? Por favor, fale em detalhes a esse respeito.
32. Quando e por que a senhora deixou o internato?
33. Como foi sua última noite lá?
34. Houve alguma despedida ou comoção das colegas e das religiosas?
35. Para onde foi depois (local e atividade)?
36. Como foi sua vida, daquele momento da saída até hoje (síntese do que aconteceu)?
37. Como resume o que significou para a senhora o período em que foi interna?
38. Tem alguma informação complementar que gostaria de compartilhar conosco?

Encontro anual

1. Como surgiu a ideia do encontro anual de ex-internas?
2. Em que data e local costuma ocorrer?
3. Ele aconteceu todos os anos desde o primeiro?
4. Quem foi a idealizadora e quem hoje organiza?
5. Como é sua dinâmica (almoço/jantar, quantas convidadas, cardápio etc)?
6. Qual a média de participantes?
7. Existe uma relação das participantes das últimas edições? Ou pelo menos uma ideia de quem são as ex-internas que mais se fizeram presentes?
8. Vêm pessoas de fora para o evento?
9. As irmãs do CSCJ são convidadas? Elas participam? Quais ainda hoje estão aqui em São Borja? Vêm irmãs de outros locais para o evento?
10. Os familiares são integrados à confraternização?
11. Existe algum momento cultural ou de rememoração ou homenagens?
12. Qual a importância desse encontro?

(Questionários construídos pela autora para aplicação junto à escola e às ex-internas)

Na sequência, diante da quantidade de relatos guardados na memória das entrevistadas, que estavam entusiasmadas para compartilhá-los, a História Oral

constatou-se ser, realmente, a escolha apropriada, criando um espaço de escuta rico e amplo. As sessões de coleta dos depoimentos não foram menores que 30 minutos; as entrevistadas estabeleceram contatos afetuosos, quebraram a informalidade, ofereceram café, chá, entre outras gentilezas para acompanhar a conversa que estavam desenvolvendo, com muita cordialidade e espontaneidade.

6. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO EXPERIMENTAL

Foi uma longa e gratificante jornada, da ideia à finalização do livro. O contato com cada fonte desafiador e gratificante. Um verdadeiro aprendizado. O livro, como um todo, atingiu seu objetivo de produzir memória, concentrando nas páginas uma diversidade de aspectos, da descrição de rotinas à confissão de medos e episódios inusitados.

A seguir vamos retomar o que foi tratado na obra, para justificar os passos dados para contemplarmos o proposto:

Prólogo: apresentou a introdução, explicitando o objetivo, a justificativa, o recorte de pesquisa (entrevistadas) e demais informações referentes a questões de motivação e confecção do trabalho.

Rotinas e regras: procurou-se levantar o máximo de detalhes sobre normas e costumes do regime de internato no Colégio. Contudo, de acordo com o período narrado ou até mesmo por causa da (im)precisão da memória, pode haver variações na versão apresentada nas narrativas.

Diversão, lazer, subversão: foram abordadas as “diversões e traquinagens” vividas pelas meninas e situações em que as internas se divertiam brincando, como em eventos especiais e nas horas vagas entre as atividades do Colégio.

Pecados e punições: abordou o que era considerado proibido e o que seria a consequência, ou punição, caso houvesse desrespeito a isso. Já que o local servia de morada para muitas meninas, reunindo crianças e adolescentes de diferentes personalidades, existia sempre a eminência da realização de algo não permitido.

Medos e impactos: revelou as lembranças em relação aos medos do sobrenatural, dos frutos da imaginação fértil, dos trovões em dia de temporal, além de outros medos e receios próprios da idade e das transições por que passavam.

Vínculos e sentimentos: mostrou as amizades entre as internas e entre elas e as Irmãs, bem como relatou diferentes situações e sentimentos, bons e ruins, oriundos desses relacionamentos e das variadas situações vividas dentro do internato.

Epílogo: apresenta as considerações finais e reflexões feitas a partir do conteúdo desenvolvido, convidando o leitor a igualmente analisar sobre esse universo que foi o internato na vida das meninas e o impacto que gerou em suas vidas.

Também inserimos informações, a título de apresentação, ao final da obra, sobre a Série Memória e Sobre a Autora. Entendemos ser importante explicarmos ao leitor que o livro integra uma coleção de obras que, desde 2018, vem sendo feitas como Trabalho de Conclusão de Curso sob orientação da Prof^a Adriana Duval. A professora já possui tradição na orientação de títulos que tratam do resgate de memória, e decidiu criar um selo para que melhor sejam identificadas as produções por ela orientadas, relacionadas a assuntos que incluam prospecções sobre o passado são-borjense. Já em Sobre a Autora, consideramos ser válida a explicitação a respeito de quem somos, de onde viemos, dentre outros aspectos, mesmo que de forma resumida.

Ao final desse processo, enfatizamos a pertinência do livro não apenas pela oportunidade de aprendizado – e agregação às competências em nossa formação acadêmica –, mas pela contribuição a São Borja. Embora haja um livro lançado em 1992, que, objetivamente, apresentou dados da fundação da entidade, este não foi a fundo na história, apenas apontando alguns aspectos, sem mencionar detalhes nem retratar a época. Considerando a importância e o impacto que teve esse modelo de instituição (internato) na vida das meninas – crianças e jovens – das cidades do interior, tanto São Borja quanto arredores, e o conceito que tinha o da Escola Sagrado Coração de Jesus, este foi outro fator motivador para justificar a realização do trabalho.

A partir dos estudos e entrevistas feitos tornou-se possível compreender o porquê da existência de internatos, bem como do significado simbólico que possuíam para as famílias e seu resultado para a vida, em particular, de cada interna entrevistada. Dessa forma, além de resgatar a história de uma entidade a partir das histórias de vida, também produzimos conteúdo sobre um tema hoje já não mais falado, que as novas gerações muitas vezes nem sabe que existiu.

É importante enfatizar, contudo, que o livro que produzimos como Trabalho de Conclusão de Curso não tem a pretensão de ser uma biografia ou apresentar uma linha cronológica exata sobre a trajetória do internato particular em São Borja. No início buscamos resgatar toda a história, desde o começo; no entanto, a ausência de documentação antiga – abrangendo as décadas de 30 a 70 – e de pessoas com mais de

90 anos capazes de conceder depoimentos sobre o local foram determinantes para a decisão de direcionar a narrativa a uma reconstituição sentimental baseada na memória individual.

7. BASTIDORES

“Há uma dificuldade tremenda em escutar. Todo mundo quer falar, mas ninguém quer escutar.” (Eliane Brum)

“Ser repórter é aprender a olhar e escutar.” (Eliane Brum)

Neste ponto do relatório vamos discorrer sobre os bastidores do trabalho, para compartilhar reflexões, momentos e escolhas importantes desse processo.

As frases usadas como epígrafes de abertura desse item podem ecoar como óbvias para estudantes de jornalismo, jornalistas e profissionais que vivem das conversas com as pessoas. Mas na rotina marcada pela correria do dia-a-dia não é difícil encontrar repórteres que façam pautas de maneira automática, por telefone, sem sair para a rua e observar qualquer coisa que não esteja nos portais de notícias. Parece que desaprenderam a verdadeiramente parar e ouvir o outro.

Durante a confecção do livro sobre o internato, foi preciso, muito, parar e ouvir. A inspiração-orientação veio das leituras da jornalista e escritora Eliane Brum, matriz de um jornalismo com verdadeira função social, ética e compromisso com o leitor. E de aprendizados, também inspirados em Eliane, que tivemos durante o Curso.

Isso facilitou a abordagem da primeira entrevistada, Cloé Bastos Pereira. Natural de Itaquí, atualmente mora na cidade de São Borja, e foi a primeira por ser uma das idealizadoras dos encontros anuais das ex-internas que acontece na cidade.

Na entrevista com Cloé, parecia que ela estava desconfiada, mas certamente sua reação era uma forma de defesa diante de nossa ansiedade de querer saber tudo de uma vez só. Nas próximas fomos com mais calma. Uma coisa de cada vez.

A partir da Cloé, vieram as outras entrevistadas, como a Sandra Heinze, Marly Cabeleira, Tania Passamani, Kati Lima, Tereza Munró, Alci Paz, Ceres Teló, essas

residentes de São Borja. As de São Luiz Gonzaga foram Selia e Dalvo Sasso, Adalgisa Miranda, Eva Amaral, Maria Balbé, Olga de Faria e Regina Gamarro; em Porto Alegre, somente a Marta Oliveira. A religiosa entrevistada foi a Irmã Fernanda Cerutti. A Irmã Otelina Zaltron e a diretora do Colégio Bianca Lul dos Santos prestaram informações.

A segunda entrevistada de São Borja, Sandra Heinze, com um bom chimarrão e um sorriso no rosto, contou suas lembranças sobre o internato. Foi a entrevista que mais falou, durante duas horas sem parar. Com paciência, simplicidade e riqueza em cada detalhe, recordou das “artes”, brincadeiras e aulas de etiqueta.

Sandra indicou outra ex-interna, Kati Lima. E em um domingo pela manhã, Ilma Helena Moretti Lima, a Kati, concedeu-nos entrevista e relatou diversos aspectos. Analisou a conduta das Irmãs, falou sobre disciplina, sobre os momentos de lazer, espiritualidade, dentre outros.

Marly Cabeleira foi a quarta da lista. Sentada na poltrona que ficava na sala de estar, rodeada de seus cachorros da raça shitzu, com as unhas vermelhas e um cigarro no meio dos dedos, daqueles cumpridos - bem fininhos, com chá e bolachinhas na mesa de centro, a recepção foi cordial e afetuosa. Marly inclusive ofereceu “um cigarrinho”. Uma entrevista marcada por um tom de cumplicidade, um clima leve, divertido, com o relato de histórias engraçadas de seus tempos de internato – e, é claro, boas e espontâneas risadas.

A quinta entrevistada foi em um lugar não muito convencional, dentro do IPERGS - Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul. Ao chegarmos no local para outro assunto e sermos questionados sobre a faculdade e o trabalho de conclusão, a senhora que atendia, Tania Passamani, se revelou uma ex-interna da escola. Como não saímos sem câmera, bloco de notas e caneta, a entrevista começou ali mesmo. Tivemos que interromper algumas vezes, pois as pessoas começavam a chegar e ela tinha que atender. Mas rendeu, e muito. Quanta história!

Mais adiante, em um jantar, a convite de Cloé, conhecemos Alci Marques Paz, que tinha sido interna em 1961. Saímos de lá com mais uma fonte de informação e um convite para outro jantar: comeremos um pato em sua casa! Através da Alci, soubemos

da Ceres Teló, ex-interna diferente das outras, pois trabalhava para pagar o colégio (era interna-auxiliar). Uma história emocionante, de superação, humildade, exemplo de vida.

A última entrevista de São Borja foi com Tereza Munró. Uma sessão emocionante, carregada de lembranças doídas para a ex-interna. Um desafio maior para nós, no exercício da reportagem, de lidar com depoimentos delicados, sem saber como reagir. Ficamos comovidas e gratas pela confiança.

Na cidade de São Luiz Gonzaga, fomos recebidas por Selia Sasso, uma senhora de 75 anos, muito receptiva, nos esperou na rodoviária, e em sua casa nos recebeu com um belo almoço e um bom vinho. Enquanto nos preparávamos para o encontro que iria acontecer a tarde daquele dia 03 de maio, na casa de uma das ex-internas lá na cidade, entrevistamos Selia e Dalva, as irmãs que juntas residiram no internato em 1955.

De praxe, nossa última pergunta: O que significou o internato para a senhora? Foi quando Selia nos surpreendeu ao declarar: “traumático”, em tom de tristeza. Ali percebemos a responsabilidade que estava em nossas mãos. Uma história que gerou, de fato, impactos na vida dessas meninas. E não podíamos contar apenas um dos lados, tínhamos o compromisso com aquela senhora, por nós e por ela, de contarmos o que realmente aconteceu.

O encontro que foi realizado, naquela tarde do dia 3, reuniu em torno de 11 senhoras, e em uma roda com chás, bolos e salgadinhos, elas foram contando as experiências vividas no internato. Nunca tínhamos feito uma entrevista coletiva, eram 11 senhoras eufóricas para contar suas vidas no colégio interno. Tínhamos que ter organizado quem falava primeiro, para que pudéssemos anotar. Isso não aconteceu, elas falavam todas ao mesmo tempo, uma complementava a fala da outra. Porém, nós tínhamos levado vários questionários, os quais distribuímos entre elas, e assim pudemos ter acesso aos nomes e às histórias. Levamos câmera, gravador, bloco de notas, canetas, e os questionários. Foi uma tarde incrível em que tivemos o prazer de conhecê-las.

Em Porto Alegre, entrevistamos Marta Oliveira, natural de Uruguaiana, que foi interna em 1956. Chegamos na Capital pela manhã do dia 10 de maio e enviamos uma mensagem avisando. Logo ela respondeu que estava esperando em seu apartamento. Chegando lá a conhecemos – uma senhora de 75 anos, apaixonada por freiras e por

internato. Ficou tão feliz ao saber que estávamos fazendo um livro sobre o tema, que queria nos ajudar de todas as formas. Mesmo não aceitando, nos colocou nas mãos 50 reais para pagar o Uber.

No dia 28 de setembro, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em São Borja, aconteceu o tão esperado encontro anual voltado a todas as ex-internas. Participaram cerca de 20 senhoras. Dessa vez já estávamos mais preparadas, desde o último encontro em que estivemos com elas. Levamos todos os apetrechos: câmera, bloco de notas, canetas e gravador – além de duas ajudantes, as colegas de faculdade Stela Boeira e Andressa Dalenogare, que foram fundamentais nesse processo.

No local, tínhamos um microfone, o que facilitou, e muito, a comunicação. Enquanto usávamos o microfone para falarmos do andamento do livro, com a ajuda de uma das colegas devolvíamos as fotos que algumas delas haviam emprestado e a outra colega filmava e fazia fotografias. O encontro começou por volta das 10h, e foi marcado por conversas, risadas, brincadeiras, chás, bolos, salgadinhos e muitas recordações. Ficamos até encerrar, em torno das 18h.

Durante o evento, aproveitamos ao máximo para esclarecer as últimas dúvidas, pedir para que cada uma fosse até o microfone, que estava no centro da roda, e falasse seu nome e algumas das lembranças relacionadas aos temas dos capítulos (como os medos, punições, brincadeiras da época). E, assim, pudemos anotar informações complementares para acrescentar no texto que estávamos produzindo.

A cada entrevista que realizamos, as máximas de Eliane Brum colocadas na abertura desse item faziam ainda mais sentido: aprendemos a olhar e a escutar. A observar não só o que estava diante dos olhos, mas aquilo que era inusitado. A grande dificuldade era sentar, escutar e, sem pressa de ir embora, conseguir captar todos os detalhes que senhoras de 64 a 78 anos tinham para revelar. Começamos a gostar tanto de ouvir que, se fosse possível, queríamos continuar sabendo mais e mais. Queríamos permanecer conhecendo outras ex-internas e suas histórias únicas, guardadas para si nos baús da memória.

Parece que quando elas tiram de lá as lembranças, reencontram o que as fazia sorrir, temer, chorar ou até mesmo rezar. Identificam conhecimentos, aprendizados, mitos,

medos e traumas. E abraçam aquela menina que ficou do lado de dentro por um bom tempo, de uniforme impecável e calçado lustrado, imaginando o tempo que levaria para saírem de novo. Hoje, finalmente, nós a trouxemos para fora.

REFERÊNCIAS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

CATTANI, Antônio David; KIELING, Francisco dos Santos. “A escolarização das classes abastadas”. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/868/86819553009.pdf>. Acesso em 16/05/2019.

CONCEIÇÃO, Joaquim T. da. “Internar para educar - colégios-internatos no Brasil (1840-1950)”. Salvador: UFBA (tese de doutorado), 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13349>. Acesso em 04/06/2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MAIA, Marta R. “A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística”. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17437/11074>. Acesso em 22/05/2019.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. 5ª ed. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. 1991. Canto de morte kaiowá: história oral de vida. Editora Loyola: São Paulo, 1991.

_____. HOLANDA, F. 2010. História oral: como fazer, como pensar. Editora Contexto: São Paulo. 2 ed.

MORAIS, Normanda A. de et al. “Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos”. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a05.pdf>. Acesso em: 23/07/2019.

ZENNI, Clair E. (org.). **Escola Sagrado Coração de Jesus vê São Borja através de sua janela - 1932-1992** (livro produzido pelos alunos do 3º Magistério 1990). São Borja: edição institucional, 1992.

Entrevistas

MIRANDA, Adalgisa. Entrevista à autora em 03/05/2019.

PAZ, Alci. Entrevista à autora em 08/09/2019.

TELÓ, Ceres. Entrevista à autora em São Borja, 08/09/2019.

PEREIRA, Cloé. Entrevista à autora em São Borja, 11/04/2019

SASSO, Dalva. Entrevista à autora em 03/05/2019.

AMARAL, Eva. Entrevista à autora em 03/05/2019.

PEREIRA, Ida. Entrevista à autora em 08/09/2019.

LIMA, Ilma (Kati). Entrevista à autora em 05/05/2019.

CERUTTI, Fernanda Ir. Entrevista à autora em 07/06/2019

MOREIRA, Maria Sirley. Entrevista à autora em 03/05/2019.

CABELEIRA, Marly. Entrevista à autora em 06/05/2019.

OLIVEIRA, Marta. Entrevista à autora em 10/05/2019.

FARIA, Olga. Entrevista à autora em 03/05/2019.

GAMARRO, Regina. Entrevista à autora em 03/05/2019.

HEINZE, Sandra. Entrevista à autora em 27/04/2019.

SASSO, Selia. Entrevista à autora em 03/05/2019.

PASSAMANI, Tania. Entrevista à autora em 29/04/2019.